



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A visão do esplendor

Eu havia escolhido outro tema, mas o assunto me atropelou. É que passei pela 402 Norte, um dos endereços da minha rota dos ipês-amarelos e tive uma epifania. Fazia muito tempo em que, afetadas pelas mudanças climáticas, as árvores não esplendiam em número tão grande, ao mesmo tempo, e com tanto fulgor.

Ali, é possível apreciar um espetáculo da natureza, com tamanho êxtase, que faz

a gente duvidar: “Será que esses olhos são meus?”. Algumas árvores adquirem uma fosforescência que parece ser produzida pela eletricidade.

Acho que só temos uma experiência de contemplação das flores semelhante na temporada das cerejeiras rosadas no Japão. Elas chegam com a primavera e se tornaram a data do calendário nacional mais importante do país. Geralmente, a festa ocorre entre o final de março e começo de abril.

A estação favorece a expansão da festa e a força do simbolismo que ela passou a representar. Como as flores brancas e róseas florescem em um clima ameno tornou-se possível festejar em amplos parques, com milhares de árvores, embaixo das quais os

vendedores armam barraquinhas para oferecer frango no espeto, cachorro quente ou bebidas.

Sim, o saquê, a cerveja ou a champanhe rosé, certamente, contribuem para intensificar o êxtase com a visão das flores. E é lá também onde os japoneses estendem lonas, fazem piqueniques ou caminham por trilhas cercadas de cerejeiras. Com o senso apurado para liturgias, logo os japoneses transformaram o espetáculo da natureza em um ritual para celebrar a efemeridade da beleza e o ciclo de renascimento e recomeços da vida.

E, como que para ilustrar a lição de efemeridade da beleza, alguém me deu a notícia da floração do ipê-amarelo de

oito metros de altura que me proporcionou uma das mais intensas epifanias, com o que me pareceu uma chuva meio surreal de pétalas, em queda lenta e suave, enquanto eu caminhava no condomínio. Pois bem, fui lá conferir, mas a beleza fugaz do ipê-amarelo já tinha se esvaído. Só restou no chão um tapete de pétalas amarelas e amareladas.

Existem diferenças significativas entre a festa das cerejeiras Japão e a eclosão dos ipês-amarelos em Brasília. Enquanto lá, ela ocorre na primavera, aqui a temporada transcorre em pleno estio, quando a cidade se impregna de uma atmosfera inóspita de deserto, que não favorece piqueniques. No entanto, por isso mesmo, por aconte-

cer na estação seca, ela ganha mais realce.

Sempre que vejo o fulgor dos ipês-amarelos na 402 Norte, eu penso em Clarice Lispector. Porque, quando ela visitou a cidade na década de 1970, escreveu que Brasília só tinha árvores mirradinhas. Eu queria que ela visse a 402 Norte neste exato instante, pois se depararia com a visão do esplendor, entrevisto em outros aspectos da cidade.

A visão dos ipês-amarelos interfere em nosso ânimo por um átimo, que pode se estender pelo dia ou por semanas. O que um japonês disse, ao ser indagado sobre o que muda a contemplação das cerejeiras, vale plenamente para o enlevo com os ipês-amarelos: “Muda o nosso coração”

o amanhã IMPRESSO NO presente

Entre encontros com autores, projetos sociais e a presença marcante de estudantes da rede pública, 6ª Bienal Internacional do Livro de Brasília consolida um polo cultural e de formação de leitores

» LETÍCIA MOUHAMAD

Com o tema “Ler o amanhã”, a 6ª Bienal Internacional do Livro de Brasília (BILB) encerra, hoje, sua programação, reafirmando a capital federal como um território vivo da palavra escrita. Ao longo de sete dias, o Museu Nacional da República foi ocupado por encontros entre autores, editoras, educadores, estudantes, artistas, livreiros e milhares de leitores. A partir de eixos que abordaram desde inteligência artificial até a sustentabilidade e o papel da literatura na transformação social, o evento buscou integrar as artes rumo à formação de leitores e ao fortalecimento do setor editorial.

“Para esta edição, buscamos ampliar o escopo da Bienal, transcendendo a perspectiva tradicional focada estritamente em livros, editoras e distribuição. Entendemos que as artes convergem e fazem parte do universo literário. Música, circo e teatro integram este contexto; portanto, quisemos realizar um evento que unificasse diversas manifestações artísticas”, avalia Stella Domenico, presidente do Instituto Eleva, responsável pela realização do evento. Segundo ela, o conceito de “Ler o Amanhã” reside, justamente, nesta ideia de integração.

Um dos pilares centrais da 6ª BILB foi a presença de estudantes da rede pública de ensino do Distrito Federal. A organização viabilizou o transporte em ônibus dedicados para cerca de 9 mil crianças e adolescentes, além de distribuir vales-livro para que os alunos pudessem circular entre os estandes e escolher suas próprias leituras.

“Considero esta participação fundamental. A escola é um espaço que transcende o âmbito familiar, oferecendo experiências que, muitas vezes, a criança não teria acesso em seu ambiente doméstico. Proporcionar a jovens e crianças o contato com uma Bienal do Livro, uma peça teatral ou uma apresentação circense é algo marcante, que pode ampliar seus horizontes”, ressalta Stella Domenico.

A experiência se estendeu ao olhar dos responsáveis que acompanharam os pequenos nos espaços lúdicos e teatrais. A consulto-



Bienal trouxe o tema “Ler o amanhã” ao Museu Nacional da República

ra de imagem Niágara Tavares, 31 anos, levou a filha Lahana, de 5 anos, para assistir à apresentação do grupo circo-teatral Excêntrica Família Firula antes de retornar no dia seguinte para registrar conteúdos do seu projeto social.

“Eu sou mãe solo e tento conciliar a tela com o lúdico, incentivando brincadeiras e diferentes livros. A estrutura está ótima e o fato de a brinquedoteca ser de graça também é maravilhoso. Além disso, é um local de excelente acesso. Acho que a leitura tem o poder de nos levar para outros lugares, sabe?”, conta Niágara, que atua no Brechó Circulou, projeto que une moda e arrecada doações de livros para distribuir em comunidades vulneráveis.

Afetos nos corredores

Entre as centenas de expositores e estandes interativos, a literatura fluía por meio do hábito da descoberta casual. A fisioterapeuta Isabela Rebelo, 48, visitou a Bienal acompanhada da filha Manuela, 12, que circulava animada com os exemplares recém-adquiridos nos sebos. “Comprei para mim um suspense e mais dois livros para minha menina. O que mais gosto da leitura é justamente a possibilidade de imaginar cenários e personagens”, diz.

Lançamento

Morador de Brasília há 50 anos, o presbítero e ex-seminarista Mário-Zam Belmiro Rosa, atualmente destacado como corregedor do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), além de desembargador, lançará, hoje, o livro *A missão do Espírito Santo no mundo*, durante a Bienal Internacional do Livro de Brasília (Museu Nacional da República). A publicação será lançada entre 15h e 17h, no estande da Tagore Editora.

Com o tema *Conhecendo o Deus que habita com os salvos*, a obra do magistrado, formado em direito pela Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal (Aeudf), desenvolve tópicos como o fim da civilização humana e do mundo. O livro igualmente acompanha conceitos como o do arrebatamento e a segunda vinda de Cristo, além do julgamento final e do milênio. Aplicado aos estudos e à escrita de textos religiosos desde a juventude, em Douradoquara (Minas Gerais) e Anápolis (GO), o membro da Academia Evangélica de Letras cerca, na nova obra, a manifestação especial do Espírito Santo no início da Igreja Cristã e desenvolve conceitos ligados a símbolos e ao batismo.

bém uma forma de trabalhar o vocabulário e conhecer culturas diferentes. “Sempre fui muito incentivada pelos meus pais e, igualmente, estímulo minha filha”, relata. Manuela reforça o entusiasmo: “Sou obcecada por literatura. Escolhi *Harry Potter* e estava, há pouco, comprando o quinto livro. Em casa, tem mais três me esperando”, destaca.

O evento também se consolidou como uma vitrine para projetos sociais de incentivo à leitura. A mediadora de leitura Mariath Oliveira, 58, esteve à frente do espaço do projeto Mala do Livro, ação da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF que instala mini-

lunatórios. Durante apresentações e dentro do estande, dedicou-se a contar histórias para as crianças, trabalho voluntário que também desempenha em escolas públicas.

“Ver a reação das crianças, presenciar essa festa literária e utilizar a leitura como ferramenta de motivação é algo extremamente enriquecedor. Como não tive tanto acesso aos livros na minha infância, poder proporcionar esse contato hoje — sentar com os pequenos, ler para eles e ouvi-los recontar as histórias — é uma experiência maravilhosa. São futuros leitores e, quem sabe, futuros escritores”, descreve Mariath.

Letícia Mouhamad/CB/DA Press



Niágara Tavares foi dois dias à Bienal

Letícia Mouhamad/CB/DA Press



Rodrigo lançou seu primeiro livro

Letícia Mouhamad/CB/DA Press



Marcos Ferreira veio de Belo Horizonte para vender livros

Novos autores

A movimentação econômica atraiu livreiros de diversos estados do Brasil, evidenciando o apelo comercial de Brasília. O livreiro mineiro Marcos Ferreira, proprietário da São Marcos Livraria, trouxe cerca de 18 mil títulos de Belo Horizonte. Todos por R\$ 10. “Desde o primeiro dia, a movimentação está alta. Vendemos (na sexta-feira) metade dos livros. Brasília tem um público leitor muito grande, então vale a pena. Outros colegas livreiros vieram de São Paulo e Rio de Janeiro”, explica, entre uma venda e outra.

A feira também abriu portas para lançamentos da literatura lo-

cal. O redator publicitário Rodrigo Alves de Carvalho, 40, morador de Sobradinho, usou o espaço para apresentar o seu livro de estreia, *Antes do fim do mundo*, assinado sob o pseudônimo A.C. Rod. “É um drama familiar pós-apocalíptico, no qual uma família de fazendeiros tenta levar uma rotina normal enquanto lida com as consequências do fim do mundo”, conta.

O projeto, segundo Rodrigo, era um roteiro que havia escrito para um filme em 2019 e foi adaptado para livro. “É uma experiência muito gratificante ter o primeiro livro lançado, ainda mais sendo na Bienal Internacional do Livro de Brasília. Eu não podia perder essa oportunidade”, comemora o autor, preparando-se para subir ao palco.

Desfile de escolas de samba fora de época

O Guará foi tomado por cores, música e enredo durante o Desfile das Escolas de Samba 2026, realizado nas noites de ontem e de sexta-feira. O evento levou ao público a tradição do Carnaval de Brasília em pleno mês de agosto. Quem acompanhou as apresentações se manteve animado e celebrou a oportunidade de vivenciar a folia fora da época tradicional. Realizado desde 1961, o desfile deste ano ocorreu fora do período carnavalesco por causa da falta de recursos públicos e de infraestrutura, segundo presidente da Uniesbe-DF, organização do evento, Gleidson de Sá. Para ele, as dificuldades fizeram com que a realização fosse adiada sucessivamente até que fosse possível encontrar uma nova data. “O samba vive durante todo o ano. E não é apenas uma data que significa o samba. Entretanto, no sentimento dos carnavalescos de Brasília, o desejo é que fosse no período festivo do Carnaval”, afirmou. A abertura ficou com a Unidos do Jardim Botânico, que com a cor azul e a velha guarda na linha de frente, chamou a atenção. Além do samba e das alegorias, o desfile foi marcado por representações ligadas às religiões de matriz africana.

Philippe Mendes/Especial CBIDA Press

